A FECUNDIDADE DO CASAL

“Nas casas de lavoura,
nos dias de chuva e escuridão,
a fogueira enorme, acesa na cozinha,
fazia ferver as panelas da refeição,
aquecia os familiares sentados em redor,
alumiava o espaço em volta,
e, saindo pela porta meio aberta,
ainda ia alumiar o caminho lamacento e escuro
dos transeuntes das horas tardias!”

(P. Joaquim Gonçalves. Boletim do CPM 1974. n 18 e 19)

Amar é partilhar…
Amar é servir com alegria…
Amar é querer a felicidade do outro"

(Aristóteles)

Como queremos o nosso amor
Estéril?
Fecundo?

O amor conjugal
não é possessivo,
mas oblativo,
aberto e
realizador!

AMOR FECUNDO

Todo o amor é fecundo. Ser fecundo é "produzir alguma coisa".
À semelhança da fogueira das antigas casas de lavoura, o amor conjugal deve:
- sonhar e realizar um projecto de vida a dois
- gerar novas vidas
- acalentar a comunidade familiar
- iluminar o caminho dos outros

Como enfrentar e superar o nosso natural egoismo e individualismo?

AMOR QUE GERA NOVAS VIDAS

A sexualidade humana, além das dimensões erótica e relacional, tem a dimensão procriadora.
O desejo de ter filhos é comum a quase todos os casais.
Pode haver motivos diferentes para gerar um filho:
- provar a virilidade ou a feminilidade
- ver o fruto do amor conjugal
- perpetuar a família de sangue
- participar no gesto criador de Deus
- prestar um serviço à vida

Já dialogámos sobre as razões por que queremos ter filhos?

AMOR QUE GERA RESPONSAVELMENTE

Uma coisa é evidente: não é possível receber todos os filhos que a natureza nos pode dar. Pertence ao casal determinar responsavelmente o número de filhos.
O exercicio da paternidade e da maternidade conscientes e responsáveis levará em conta:
- o bem dos esposos
- o bem dos filhos gerados ou a gerar
- as condições económicas, de saúde e de habitação
- o bem da sociedade civil e eclesial

O casal cristão não pode ignorar o seu papel de colaborador na obra criadora de Deus (abertura generosa à vida e ao mundo.)

"As famílias numerosas são uma alegria para a Igreja. Nelas, o amor manifesta a sua fecundidade generosa. Isto não implica esquecer uma sã advertência de São João Paulo II, quando explicava que a paternidade responsável não é «procriação ilimitada ou falta de consciência acerca daquilo que é necessário para o crescimento dos filhos, mas é, antes, a faculdade que os cônjuges têm de usar a sua liberdade inviolável de modo sábio e responsável, tendo em consideração tanto as realidades sociais e demográficas, como a sua própria situação e os seus legítimos desejos."

Papa Francisco, Exortação *Amoris Laetitia*

O exercício de uma maternidade e paternidade conscientes e responsáveis exige o estudo do organismo feminino e dos seus ritmos de fecundidade. São os chamados **métodos naturais** que:

- não privam o acto gerador do seu profundo significado gerativo e unitivo:
- não causam maleficios à saude fisica nem psiquica, uma vez assumidos pelo casal;
- enriquecem a qualidade das relações, tornando as mais desejadas.

Há processos artificiais de controlo do nascimento dos filhos que, além de não serem tão seguros como dizem, são humanamente redutores e podem ser prejudiciais à saude fisica e/ou psiquica.
Os meios abortivos nunca poderão ser admitidos. Utilizá-los conscientemente constitui um "crime", uma vez que está provado cientificamente que, a partir da fecundação, há vida.

Como nos temos preparado para acolher os filhos que possamos vir a ter?

AMOR QUE AJUDA O CASAL A CRESCER

O casal deve procurar o crescimento mútuo sem impedir a realização pessoal.
As actividades em que cada um está inserido não terão necessariamente, de ser abandonadas, mas sim apoiadas pelo outro.

Como harmonizar o bem do casal com o bem de cada um?

AMOR QUE ILUMINA O MUNDO

Ao casal estende-se um vasto campo de fecundidade:

- ajudar as próprias familias e outros casais;
- participar na construção de uma sociedade mais justa e fraterna;
- colaborar activamente na Igreja para que seja mais dinámica e convincente.

Se acontecer que um casal não possa ter filhos, poderá ser fecundo?
Sem dúvida que sim.
A abertura aos outros, a disponibilidade, a dedicação a causas nobres, a adopção de alguma criança ou a simples ajuda na "criação", são portas abertas para o exercício da fecundidade do casal.

Quais são os nossos projectos de fecundidade no lar, na sociedade e na Igreja?

(…) Àqueles que não podem ter filhos, lembramos que «o matrimónio não foi instituído só em ordem à procriação (...). E por isso, mesmo que faltem os filhos, tantas vezes ardentemente desejados, o matrimónio conserva o seu valor e indissolubilidade, como comunidade e comunhão de toda a vida». Além disso, «a maternidade não é uma realidade exclusivamente biológica, mas expressa-se de diversas maneiras».
A adopção é um caminho para realizar a maternidade e a paternidade de uma forma muito generosa, e desejo encorajar aqueles que não podem ter filhos a alargar e abrir o seu amor conjugal para receber quem está privado de um ambiente familiar adequado. Nunca se arrependerão de ter sido generosos. Adoptar é o acto de amor que oferece uma família a quem não a tem.
Convém lembrar-nos também de que a procriação e a adopção não são as únicas maneiras de viver a fecundidade do amor. Mesmo a família com muitos filhos é chamada a deixar a sua marca na sociedade onde está inserida, desenvolvendo outras formas de fecundidade que são uma espécie de extensão do amor que a sustenta.
As famílias cristãs não esqueçam que «a fé não nos tira do mundo, mas insere-nos mais profundamente nele. (...)
Um casal de esposos, que experimenta a força do amor, sabe que este amor é chamado a sarar as feridas dos abandonados, estabelecer a cultura do encontro, lutar pela justiça.
Deus confiou à família o projecto de tornar «doméstico» o mundo, de modo que todos cheguem a sentir cada ser humano como um irmão: «Um olhar atento à vida quotidiana dos homens e das mulheres de hoje demonstra imediatamente a necessidade que há, em toda a parte, duma vigorosa injecção de espírito familiar.

Papa Francisco, Exortação *Amoris Laetitia* 19/03/2016

"(…) O sacramento do matrimónio é um grande ato de fé e de amor: testemunha a coragem de acreditar na beleza do ato criador de Deus e de viver aquele amor que leva a ir sempre além, além de si mesmo e também além da própria família. A vocação cristã a amar sem reservas e sem medida é o que, com a graça de Cristo, está na base do livre consentimento que constitui o matrimónio.

(…) A decisão de "casar-se no Senhor" contém também uma dimensão missionária, que significa ter no coração a disponibilidade de fazer-se meio da bênção de Deus e da graça do Senhor para todos. De fato, os esposos cristãos participam, como esposos, da missão da Igreja. É preciso coragem para isto! Por isso quando eu saúdo os recém-casados, digo: 'Eis os corajosos!', porque é preciso coragem para amar-se assim como Cristo ama a Igreja.(…)"

Papa Francisco Catequese
Praça São Pedro – Vaticano
Quarta-Feira, 6 De Maio De 2015

TEXTOS DE APOIO

(...) «Lembrai-vos disto: aquele que semeia pouco, pouco ceifará. Aquele que semeia com largueza, também com largueza colherá. Dê cada um segundo o impulso do seu coração, sem tristeza nem constrangimento, pois Deus ama o que dá com alegria»

(II Cor 9, 6-7)

«A precária situação económica, profissional e de habitação em que muitos jovens se encontram ao casar dificulta-lhes a adaptação ao novo modo de viver e a estabilização numa vida de casados equilibrada, confiante e feliz.

Muitas vezes as jovens casam endividados, sem emprego seguro, sem casa própria ou com habitação inadequada ou distante dos lugares de trabalho, vendo-se compelidos a privações, horários desencontrados e promiscuidades que se reflectem negativamente na sua vida de casados e lhes tolhem as forças indispensáveis ao cultivo dos valores mais altos.

Muitos destes problemas esperam a solução de adequadas políticas económicas, sociais e de crédito, de formação profissional, de emprego e de habitação, que ao Estado pertence definir e executar, com a audiência e participação dos interessados. Mas também estes devem cultivar o equilíbrio nos gastos, o sentido de poupança, as renúncias ao consumismo, bem como um ideal de felicidade que está mais nos valores morais, afectivos e espirituais do que nas comodidades, prazeres e seguranças meramente humanas.

A mentalidade anti-natalista, que nestes últimos anos se generalizou entre nós, é dos mais perniciosos obstáculos ao equilíbrio e à felicidade de muitos jovens casais. Se estes, afogados na onda de egoísmo que invade a nossa sociedade, se recusam a um generoso serviço à vida, privam o seu lar do mais precioso dos bens do matrimónio, que é o dos filhos (GS 50), e toam-se coniventes no suicídio demográfico e espiritual da sociedade de quem têm o direito de receber e a quem têm o dever de dar o melhor contributo.

É aos casais novos que pertence tomar, em boa consciência, isto é, no recto discernimento das motivações e meios de regulação dos nascimentos, as decisões quanto ao número de filhos. Ninguém os pode substituir nestas decisões, e todos têm o dever de lhes proporcionar os meios para agirem com plena liberdade e responsabilidade.»

(Instrução Pastoral da Conferência Episcopal Portuguesa "O Acompanhamento dos Casais Novos" nn 7 e 8.)

"A graça (do Espírito) não há-de reflectir-se só no interior da família. Ela deve ser fonte de fecundidade apostólica. Sim, os cônjuges cristãos devem abrir-se à tarefa de evangelização no campo específico da família. Acrisolados pela experiência, fortalecidos na comunhão com outras famílias, são evangelizados e hão-de converter-se em evangelizadores da família cristã, em centros de acolhimento, em propulsores de promoção social."

(João Paulo II, Homília da Missa para as Famílias, Panamá, 05/03/83.)